

JULIETA de Pedro Almodóvar _ 1 de Dezembro de 2016

sinopse Julieta está decidida a trocar Madrid por Lisboa para acompanhar Lorenzo, o namorado, e recomeçar a sua vida. Um dia, sem que esperasse, cruza-se na rua com Beatriz, uma amiga de Antía, a sua filha. Este encontro vai fazê-la recuar no tempo e relembrar os motivos que a levaram a perder o contacto com a sua única filha durante os últimos doze anos. Por causa disso, Julieta desiste da viagem para Portugal e muda-se para o apartamento onde antes vivia. Lá, escreve uma longa carta a Antía, recordando a sua vida em comum e tudo o que deu origem à separação...

Um filme dramático sobre arrependimento e culpa que conta com argumento e realização de Pedro Almodóvar (“A Flor do Meu Segredo”, “Tudo Sobre a Minha Mãe”, “Fala com Ela”, “Má Educação”, “A Pele Onde Eu Vivo”) a partir de três contos de “Fugas”, antologia da Nobel da Literatura Alice Munro. Emma Suárez, Michelle Jenner, Dario Grandinetti, Adriana Ugarte, Rossy de Palma e Pilar Castro dão vida às personagens.

Título original: Julieta (Espanha, 2016, 99 min.)

Realização e Argumento: Pedro Almodóvar

Interpretação: Adriana Ugarte, Rossy de Palma, Emma Suárez

Produção: Agustín Almodóvar, Pedro Almodóvar, Esther García

Musica: Alberto Iglesias

Fotografia: Jean-Claude Larrieu

Montagem: José Salcedo

Distribuição: Pris Audiovisuais

Estreia: 22 de Setembro de 2016

Classificação: M/14



A mulher que viveu duas vezes

Jorge Mourinha, Publico de 22 de Setembro de 2016

Almodóvar regressa à boa forma com uma adaptação de Alice Munro.

E se Pedro Almodóvar se estivesse a tornar num Claude Chabrol hispânico? É uma possibilidade tentadora, admita-se, porque à excepção do divertissement de **Os Amantes Passageiros** (2012), os últimos filmes do cineasta espanhol – **Voltar** (2005), **Abraços Desfeitos** (2009), **A Pele onde Eu Vivo** (2011) e agora **Julieta** – têm algo daquele olhar simultaneamente impiedoso e afectuoso sobre a burguesia provincial que o francês aperfeiçoou nas últimas duas décadas da sua carreira. E porque são filmes que têm sempre uma qualquer peculiar dimensão de “filme negro”, onde há sempre segredos existenciais a quererem vir ao de cima para voltarem a afundar logo a seguir. Julieta é, diga-se desde já, o melhor filme deste lote, e é também o mais “Chabroliano” destes últimos filmes, pelo modo como o tema da culpa e da responsabilidade é declinado pelo realizador.

Quer através da música convenientemente inquietante de Alberto Iglesias, quer pelos segredos que a heroína transporta consigo que evocam algo dos grandes clássicos da woman’s picture hollywoodiana (ai aquela governanta ríspida a que Rossy de Palma dá algo de Judith Anderson ou

Stéphane Audran), há sempre uma sensação em **Julieta** de que nada é tão simples como parece, que há algo de tão inconfessável que pode destruir vidas – e não é isso que os segredos fazem no cinema?

Julieta, então, encontramos-la primeiro à beira de partir de Madrid com o seu companheiro, mas o encontro casual com uma amiga da filha que não vê há anos leva-a a abandonar esse projecto. Almodóvar conta a sua história alternando dois tempos narrativos onde Julieta é interpretada por duas actrizes diferentes – Emma Suárez no presente, Adriana Ugarte no passado – repetindo aquele que tem sido um dos seus leit-motiv narrativos recentes, a viagem entre o passado e o presente, aqui invertendo o que Hitchcock fazia em **Vertigo** (Julieta é também uma mulher que viveu duas vezes). É por essa dimensão esteta anunciada desde o início que Julieta corre o risco de repisar o exercício de estilo em que os últimos filmes do cineasta se deixaram encerrar.

Mas, ao recorrer a contos de Alice Munro combinados numa sedutora teia de pequenos nada que só gradualmente vão revelando a sua importância, Almodóvar reencontra (mesmo que em tom menor do que na sequência de obras-primas da passagem para os 2000) algum do seu élan criativo, sem perder de vista o grande romantismo malsão e desesperado das heroínas trágicas que sempre amou. Julieta é uma romântica à procura do Romeu que sempre lhe escapou por entre os dedos, uma mulher que procura apaziguar uma culpa que talvez não exista, uma grande heroína Almodóvariana. **Julieta** é um grande pequeno filme de câmara, um melodrama onde todas as viagens, da Galiza à Andaluzia, de Madrid a Portugal, acabam encerradas entre as quatro paredes de um quarto, de uma sala, de uma casa, de um compartimento de um comboio, de um carro. Há coisas das quais não se consegue fugir, e Almodóvar liberta-as entre quatro paredes.

